

## **USO DA DRAMATIZAÇÃO NO ENSINO DE CIÊNCIAS: um relato de experiência no ensino dos reinos monera e protista.**

**Daiane R. Macêdo Lima<sup>1</sup>**

1. Graduando em Licenciatura em Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: drmlima@live.com

**PALAVRAS-CHAVE:** dramatização, aprendizagem, educação.

### **INTRODUÇÃO**

Para despertar o interesse do aluno para determinados temas e sala de aula, é necessário algumas vezes a utilização de métodos alternativos que possam tornar a aprendizagem mais interessante, relacionando ao cotidiano do aluno. A escola não pode continuar ignorando o que acontece ao seu redor, anulando e marginalizando as diferenças nos processos por meio dos quais forma e instrui o aluno (SILVEIRA, 2009). Porém, muitas vezes, para preparar aulas diferenciadas que traga novidades e desperte o interesse do aluno alcançando os objetivos esperados pelo professor, ele enfrenta diversos desafios para tornar suas aulas mais dinâmicas, falta de material ou experiência. Pensando nesta perspectiva, alguns trabalhos utilizados pelos professores utilizam apenas a criatividade, sem muitos esforços materiais: a utilização do teatro ou dramatização, onde é possível ensinar e aprender de forma mais interativa e prazerosa. Como no caso dos autores Hélio da Silva, Barbara Carine Soares e Nídia Franca, que no artigo Improvisações Teatrais no Ensino de Química: Interface entre Teatro e Ciências na sala de Aula. E em Atividades Lúdicas no ensino de ciências: uma adaptação metodológica através do teatro para comunicar a ciência a todos, dos autores Alessandro Frederico, Ana Raquel Pereira e Morgana Lígia de Farias, onde os autores relatam experiências com a metodologia inovadora dentro da sala de aula. Para a realização deste tipo de atividade é necessário trabalho em equipe, onde os componentes devem se organizar para separar personagens, cenário e caracterização do figurino (mais um ponto positivo a esse tipo de metodologia). Como já havia dito Neves e Santiago (2009), que a prática dos jogos teatrais inclui acordo grupal entre os participantes. Para tal, o grupo se divide entre atores (participantes em cena) e plateia (observadores). A estrutura do jogo é geralmente determinada pelos seguintes aspectos:

onde (ambiente no qual se passa a ação), quem (os personagens) e o que ou como (ações dos personagens).

Este trabalho tem como objetivo apresentar um relato de experiência vivida durante o estágio supervisionado do ensino de ciências, onde será mostrado como foi desenvolvido, as expectativas e frustrações e as ações dos alunos.

## **METODOLOGIA**

Pensando nesta perspectiva de trabalho, foi realizado como uma das avaliações dentro do estágio supervisionado em ciências II o uso da dramatização. Realizando dentro da sala de aula em uma turma de 7º ano (6ª série), na Escola Estadual Monsenhor Mário Pessoa, situada na cidade de Feira de Santana, Bahia. Primeiramente, durante as aulas da segunda unidade, estava sendo discutido em sala os assuntos sobre os Reinos Monera e Protista, em relação aos assuntos, tendo em vista, possuir muitas doenças com diversificados sintomas e meios de contágios, foi pensado em uma das formas de avaliação, a utilização do teatro ou dramatização. Pensando em uma forma de não só passar o assunto, mas também para que eles pudessem aprender e se divertir ao mesmo tempo, levando aquela aprendizagem para toda a vida, pois todas aquelas informações eram de importância social. Então foi dada a missão: dramatização sobre as doenças acometidas dentro dos reinos protista e reino monera. Separados em duas equipes, a turma recebeu, por meio de sorteio, as determinadas doenças, quatro doenças para cada, sendo que, dentro das apresentações, não seria possível dizer a qual doença estava sendo apresentada, pois a missão da outra equipe era adivinhar de qual estava sendo representado, analisando os sintomas que ali dramatizavam. As doenças foram: Tuberculose, Pneumonia, Cólera, Amebíase, Malária, Meningite, Leptospirose e Chagas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

As equipes transformaram a sala em posto de saúde, maquiando os alunos que representaram os personagens doentes, em cada equipe, um aluno assumiu o papel de médico, e os demais, representaram os acompanhantes dos pacientes doentes. Durante as apresentações os doentes diziam seus sintomas interpretando-os, ou o acompanhante dizia, sendo que o médico antes de diagnosticar, perguntava a plateia que doença era aquela, quando acertavam, em seguida, o “médico” passava as recomendações para possível cura e/ ou tratamento.

Analisando as apresentações e comportamentos apresentados durante a atividade, nota-se a dedicação e a empolgação dos alunos, muitos se organizaram e deram o seu melhor na

apresentação. O objetivo foi cumprido, pois ambas equipes apresentaram e mostraram interesse. Aprenderam o assunto de forma mais divertida e aprovaram a proposta. “Através do lúdico as crianças aprendem... conseguindo aliar a necessidade de brincar com o desejo de conhecer, o que facilita na compreensão de vários conceitos” (RIZZI; HAYDT, 1994). Além do momento avaliativo das apresentações, foi notado grande desempenho dentro do assunto na avaliação tradicional (teste), realizado no final da unidade escolar. Apesar de algumas dificuldades encontradas no meio do caminho, como o comprometimento de alguns, que apesar de saber o dia da apresentação, não se prepararam adequadamente, o que acarretou em uma improvisação que felizmente deu certo. Com isso, podemos pensar que, tal metodologia pode ajudar na criação de modos que possam contornar a falta de preparo. Em uma avaliação (teste) tradicional, quem não estuda, se não trapacear, gera uma nota baixa, já nesta perspectiva de trabalho, com o uso do imprevisto e o trabalho em equipe, ajuda em um melhor desempenho durante a apresentação.

Foi notado que a maior frustração do professor estagiário neste momento do estágio, foi a expectativa posta em cima da atividade, na espera que fosse tudo perfeito. Mas, para isso que serve estes momentos dados pela disciplina de estágio supervisionado, proporcionando a experiência de estar em sala de aula e poder encontrar os erros e acertos dentro das diversas metodologias que encontramos pelas literaturas. Segundo Pimenta e Lima (2004), “o estágio é o eixo central na formação de professores, pois é através dele que o profissional conhece os aspectos indispensáveis para a formação da construção da identidade e dos saberes do dia-a-dia”. Ou seja, sem essas experiências de sucessos e de fracassos, o futuro professor não estaria preparado para enfrentar os desafios da sala de aula.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Apesar das frustrações vividas, expectativas criadas em cima da perspectiva de que tudo iria ser perfeito, mesmo não sendo, os improvisos deram certo, e tudo no final aconteceu, pois o principal objetivo da avaliação era que aprendessem, e isso, de fato ocorreu. Afirmando mais uma vez que, o uso de dramatização como meio de avaliação é funcional e traz excelentes resultados. As experiências vividas por parte dos alunos e do professor estagiário são válidas para a vida, pois aprendem com os erros e acertos. Concluindo de forma geral, essa experiência foi verdadeiramente grandiosa e válida para futuros encontros em sala de aula, com todos os momentos vividos, principalmente os frustrantes, pois é onde o futuro professor percebe que, nem sempre as “coisas” funcionam como se imagina ou se planeja. Apesar dos pontos negativos, os positivos são de maior

peso, trazendo satisfações aos seus planejamentos, por isso, não se deve ter medo de arriscar, pois todo desafio é válido, e toda experiência traz novos saberes ao conhecimento.

## **REFERÊNCIAS**

NETO, H.S.M; PINHEIRO, B.C.S; ROQUE, N.F. Improvisações teatrais no ensino de química: interface entre teatro e ciências na sala de aula. Química nova escola. Vol. 35, Nº 2, p. 100-106, maio 2013.

SILVEIRA, F.S; ATAÍDE, A.R.P; FREIRE, M.L.F. Atividades lúdicas no ensino de ciências: uma adaptações metodológica através do teatro para comunicar a ciência a todos. Educar, Curitiba, n. 34, p. 251-262, 2009. Editora UFPR.

OLIVEIRA, T.R.M; Encontros possíveis: experiências com jogos teatrais no ensino de ciências. Ciências e Educação, v. 18, n. 3, p. 559-573, 2012.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. Estágio e Docência. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

RIZZI, L; HAYDT, R. C. Atividades Lúdicas na Educação da Criança. São Paulo: Ática, 1994.